

O PENSAMENTO FILOSÓFICO DE SCHOPENHAUER SOBRE A MÚSICA E SUAS POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES PARA A EDUCAÇÃO MUSICAL BRASILEIRA

Carlos Roberto da Silveira¹

Alan Barcelos Ribeiro²

RESUMO:

Este artigo tem como principal objetivo, compreender a estrutura do pensamento de Schopenhauer sobre a música. Todavia, tem-se também por pretensão, articular reflexões sobre o pensamento schopenhauriano, quanto à relevância da música para a vida do homem atual, tendo em vista, que a música (como disciplina) passará integrar os planos de ensino das escolas de educação básica do Brasil. A pesquisa bibliográfica de Schopenhauer, possibilita compreender que, embora se apresente num contexto pessimista de entendimento da realidade do mundo, a música é apresentada como uma válvula de escape para as amarguras e os sofrimentos da vida. Uma breve análise de sua Metafísica da Vontade e sua maneira de entender a música pode auxiliar o homem a decifrar o enigma do mundo e a aprender apreciar a música como norte, um rumo ao Belo, ao Sublime e à Liberdade.

Palavras-chave: Ensino, Filosofia da Arte, Liberdade, Música, Vontade.

ABSTRACT:

This article has as main objective to understand the structure of Schopenhauer's thought about music. However, there is also a claim to articulate thoughts about Schopenhauerian thinking regarding to the relevance of music for the life of modern man, considering that the music as discipline will integrate the curriculum of basic education schools in Brazil. The bibliographic research about Schopenhauer allow us to understand that, despite presenting a pessimistic context of understanding the reality of the world, music is presented as an outlet for the bitterness and sufferings of life. A brief analysis of his Metaphysics of Will and his way of understanding music can help man to decipher the riddle of the world and learn to appreciate music as north, a way to the Beauty, to the Sublime, to Liberty.

Key words: Education, Philosophy of Art, Freedom, Music, Will.

Considerações Iniciais

Juntamente com a religião e a filosofia, a arte deve ser considerada as mais altas atividades do espírito humano, pois ela tem por objeto aquela mesma essência das coisas, aquele universal e imutável, que é o objeto da filosofia (...) daí deriva a grandeza dramática do artista, que deve lutar contra a matéria bruta para torná-la mais ou menos expressão adequada do inteligível, da ideia (...). A arte representa a beleza universal das coisas mediante imagens sensíveis, e tem grande valor moral e pedagógico [!] (PADOVANI; CASTAGNOLA, 1972, p. 573).

¹ Doutor em Filosofia pela PUC-SP. Professor da Faculdade Católica de Pouso Alegre.

² Especialista em Ensino de Filosofia pela Faculdade Católica de Pouso Alegre. Professor do Conservatório Estadual de Música Juscelino Kubitschek de Oliveira, em Pouso Alegre.

A música integra a vida humana em seus aspectos físicos e metafísicos. O pulsar da vida representado pelo batimento cardíaco traz consigo um elemento fundamental da música: o ritmo. A música eleva o sentimento humano, invoca lembranças, produz sonhos, suprime a dor e liberta. Isso confirma a relevância de se refletir sobre o poder que a combinação de sons e ritmos (música) exerce sobre os homens, principalmente em seu aspecto metafísico, além de compreender como pode “a música ser a arte de manifestar os diversos afetos da nossa alma mediante o som” (BONA, 2002, p. 2).

O mais breve estudo bibliográfico do pensamento de Schopenhauer possibilita uma compreensão filosófica sobre a importância da música para o homem e, contribui para produção de conhecimentos auxiliares na decifração do mundo. O presente artigo tem como objetivo principal, desenvolver uma breve interpretação do pensamento de Schopenhauer, no qual o filósofo eleva a música à categoria da mais sublime das artes. Mas, o que faz Schopenhauer conceber soberania à música? Como ser possível dar relevância à música dentro de uma concepção filosófica pessimista? A valorização da música por Schopenhauer não determina o fim de seu pessimismo? Ainda é possível falar em sofrimento da vida do homem, após exaltar uma produção humana - a música - como um recurso que dá alívio às amarguras e aos percalços da vida?

Sobre estas questões, não é pretensão do presente estudo respondê-las de maneira fechada, objetiva e concreta (o que seria impossível), mas promover a investigação filosófica e a apreciação musical sobre a importância da música na formação do homem integral, inclusive, a relevância desta no ensino musical brasileiro.

1. Schopenhauer em seu contexto histórico

Arthur Schopenhauer nasceu no dia 22 de fevereiro de 1788, na antiga cidade báltica de Danzing na Alemanha (atualmente Gdańsk, na Polônia). Filho de uma família de comerciantes, seu pai se apresentava como um homem dado aos negócios, muito ansioso, rigoroso e tinha grandes aspirações e ambições em relação ao filho para a carreira dos negócios. Sua mãe era uma romancista de agitada vida social e fortes aspirações literárias. Ainda criança, Schopenhauer viajou por muitos países da Europa o que possibilitou seu contato com outros idiomas e personalidades importantes da época. Além disso, presenciou

fatos da vida que o instigaram na observação profunda da natureza e dos fenômenos que intervêm no modo do viver humano.

Após a morte de seu pai (supostamente suicídio), Schopenhauer abandonou a carreira do comércio (planejada pelo pai) e dedicou-se aos estudos de filosofia a partir das leituras de Platão e Kant. O relacionamento com a mãe era muito tumultuado e conflitante, o que gerou certo distanciamento entre ambos. No entanto, não se pode negar que Schopenhauer herdou de sua mãe o amor pelas artes, pela literatura e pela música.

Na época em que viveu Schopenhauer, a Europa enfrentava inúmeras mudanças no contexto social, cultural e político, tais como as consequências da Revolução Industrial e seus problemas sociais, o crescimento da classe operária e as precárias condições de trabalho e de subsistência. Além disso, os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade (frutos da Revolução Francesa), contrastavam com as ideias de Napoleão que decidiu expandir seus territórios por meio de guerras e invasões. Diante desta ebulição histórica, tais disparates favoreceram o nascimento de uma produção artístico-musical que retratou a insatisfação dessa realidade, uma reação emanada pelo estado de alma em reação a esse mundo.

Assim, a produção musical passou a interpretar os acontecimentos da vida e foi enriquecida pelas composições de Ludwig van Beethoven (1770-1827),³ Frédéric Chopin (1810-1849),⁴ Robert Schumann (1810-1856),⁵ Richard Wagner (1813-1883)⁶ e outros responsáveis por buscar o fortalecimento do nacionalismo e do naturalismo expressos em música descritiva, em poemas sinfônicos e em *Lieds* (canção arranjada para piano e voz).

Esta nova realidade marcou a transição do Classicismo para o Romantismo. No Classicismo, a música foi caracterizada pela coerência técnica que visou a busca de uma estrutura musical perfeita e universal, na qual o artista se expõe de maneira impessoal, métrica, sintética e definitiva. Já no Romantismo, a produção musical primou pelos anseios da alma, pelas paixões e pelo sofrimento da vida. Havia uma busca maior pela liberdade de formas e concepções musicais que possibilitassem ao homem se expressar com mais intensidade e

³ Beethoven, compositor alemão natural de Bonn. Viveu num momento de transição da música. Tal mudança fez com que a música saísse da esfera da igreja e da aristocracia em direção a um público maior. Suas composições revelam um fantástico humor que valoriza o humanismo e a igualdade que integram o caráter humano.

⁴ Chopin, compositor polonês que se estruturou na França. Sua principal característica está no extremo romantismo que oferece um lirismo capaz de materializar os sentimentos desconhecidos por seus ouvintes.

⁵ Schumann, natural de Zwickau na Alemanha. Compositor romântico influenciado pelo estilo clássico de Wolfgang Amadeus Mozart e da grandiosidade sonora de Beethoven.

⁶ Wagner, compositor alemão da cidade de Leipzig na Saxônia. Tem sua música marcada pela sua imponência de ideias revolucionárias. Suas obras registram com muita clareza os avanços da linguagem musical (utilização de cromatismos, dissonâncias, mudanças de tonalidades, massa sonora etc.) influenciando também, as artes visuais, o teatro, a poesia e a filosofia.

vigor. O artista romântico defendia a liberdade para com as emoções, para com os pensamentos e os sentimentos mais profundos, inclusive a dor.

É neste contexto que Schopenhauer elaborou uma produção filosófica capaz de fomentar uma decifração mais realista do enigma do mundo. Dedicou parte de seu pensamento para cuidar das artes, principalmente da música. Influenciou grandes artistas e filósofos com suas reflexões metafísicas e apresentou ao mundo, o lado sofredor do prazer.

2. À luz das ideias de Platão e Kant

Para Schopenhauer, o pensamento de Platão⁷ e o pensamento de Kant⁸ possuem elementos comuns, ambos rezam a existência de um mundo fenomênico, ou seja, um mundo que se apresenta diante de nossos sentidos.

Platão ensina a distinguir as coisas sensíveis das coisas inteligíveis e cria, assim, sua “Teoria das Ideias” na qual afirma que o homem está constantemente em contato com dois mundos: o Mundo Sensível e o Mundo Inteligível, o Mundo das Formas. O Mundo Sensível é uma cópia (sombras) do Mundo das Formas. Este último é o arquétipo, a essência das coisas (as Ideias).

Kant representa o núcleo do pensamento moderno e a essência do racionalismo empírico. Acredita que das coisas, só é possível conhecer o fenômeno (aquilo que se apresenta aos sentidos). A “coisa em si” seria incognoscível e pertencente ao mundo *noumênico*. Ou seja, para Kant tudo que existe são representações fenomênicas que se estabelecem diante dos sentidos e das experiências humanas em consonância com os princípios da espacialidade, da temporalidade e da causalidade. Com isso, acredita na impossibilidade de se conhecer a “coisa em si”, uma vez que o conhecimento ocorre por meio da interferência de fatores determinantes do mundo fenomênico.

⁷ Platão (427-437 a.C.), filósofo grego natural de Atenas. Fundou sua própria escola filosófica, a Academia, uma espécie de universidade destinada à pesquisa científica e filosófica. Sua principal contribuição para o processo de conhecimento está na sua “Teoria das Ideias”, na qual acredita que o conhecimento verdadeiro está na passagem do mundo das sombras e aparências para o mundo das ideias e das essências.

⁸ Kant (1724-1804), natural de Königsberg, na Alemanha. Sua vida foi dedicada ao ensino e à pesquisa filosófica. Possuidor de um gênero metódico e sistemático é considerado o maior filósofo do Iluminismo Alemão. Pensava que a filosofia deveria responder a quatro questões fundamentais: O que posso saber? Como devo agir? O que posso esperar? O que é o ser humano?

Tanto Platão, quanto Kant acreditam na existência da verdadeira realidade que está acima das aparências, para além do Mundo Sensível, o que seria a “Ideia” para Platão e a “coisa em si” para Kant. Esta proposta acompanha o pensamento de Schopenhauer que entende o mundo como “representação”. No entanto, acredita que a “coisa em si” que Kant alegou ser incognoscível e que se apóia na realidade *noumênica*, nada mais é que a “Vontade”, e a “Ideia” trazida por Platão é a objetivação desta “Vontade”. Segundo Schopenhauer a Ideia é a possibilidade de se chegar ao ser em si que é a Vontade. Sobre estes pontos fulcrais, Schopenhauer constrói sua “metafísica da vontade” que, por sua vez, dará fundamento a toda sua filosofia.

2. A metafísica da vontade

A compreensão de qualquer parte do pensamento de Schopenhauer exige o conhecimento, ainda que de forma geral, de sua “metafísica da vontade”.

“O Mundo como Vontade e Representação” é a obra fundamental de Schopenhauer. Todos os seus demais escritos podem ser considerados elementos que confirmam as ideias contidas nesta sua obra capital, estruturada em quatro livros, nos quais o filósofo procura explicar o mundo sob a guia da “Representação e da Vontade”. O próprio título demonstra toda estrutura de seu sistema filosófico e comprova sua maneira de perceber, entender e pensar a realidade existencial humana.

Schopenhauer ensina que o mundo é uma “representação”. E, “representação” é o que se apresenta a um determinado sujeito. Ou seja, quando um sujeito conhecedor eleva-se a si próprio no instante em que se relaciona com um objeto determinado, ocorre um fenômeno, que é o mundo como “representação”. Desta forma, tem-se que a maneira de conceber uma “representação” está na relação estabelecida entre sujeito e objeto. Com isso, todo objeto ao se apresentar a um determinado sujeito estabelece uma pura representação.

O mundo como representação, isto é, unicamente do ponto de que o consideramos aqui, tem duas metades essenciais, necessárias e inseparáveis. Uma é o objeto; suas formas são espaço e o tempo, donde a pluralidade. A outra metade é o sujeito; não se encontra colocada no tempo e no espaço, porque existe inteira e indivisa em todo ser que percebe: daí resulta que só desses seres semelhantes que existem: mas, também, se esse ser desaparece, o mundo como representação não mais existe (MANN, 1960, p. 57).

Diante do exposto, confirma-se, então, que é a relação entre um sujeito e um objeto que determina uma representação. Porém, esta relação acontece de maneira exteriorizada, direcionada para o mundo sensível, na qual o indivíduo é um ser prisioneiro do mundo dos fenômenos. No entanto, é necessário que o homem se liberte desta “caverna platônica” determinada pelos princípios da individualidade, pois é preciso olhar para o interior desta representação, para o outro lado do mundo sensível, onde se encontra a essência e o elemento que dá sustentabilidade a toda forma de representação. É necessário, então, voltar o olhar para “Vontade”. É a vontade que possibilita compreender como o mundo é para além da representação.

De acordo com Thomas Mann (1960, p.18) a vontade apresentada por Schopenhauer seria “a causa primeira e irreduzível do ser, sua base mais profunda, a fonte de todos os fenômenos, a potência presente e operante em cada um deles, a criadora de todo o mundo visível e de toda a vida, porque seria o querer viver”.

A vontade está presente no ser e se configura por meio do querer e do desejar, o que evidencia um princípio metafísico para todos os seres. Desta forma, o fator determinante da essência do mundo está revelado na “vontade que é a força que age na natureza e desejo que move o homem” (REDYSON, 2009, p.71). É essa vontade objetivada (tornada objeto) que possibilita o mundo como representação. Sendo assim, na concepção de Schopenhauer, o mundo é representação, mas também é vontade.

3.1. A Vontade e o sofrimento no mundo

A vontade é a essência do mundo no sistema filosófico de Schopenhauer, como se fosse a gênese propulsora da vida. No entanto, esta mesma vontade que impulsiona a vida, é também a fonte que provoca todo sofrimento e miséria existente no mundo, porque essa vontade, está além do espaço, do tempo e não possui causa. Thomas Mann (1960, p. 23) esclarece esta dupla perspectiva da vontade ao observar que “deve o vegetal servir de alimento ao mundo animal e cada animal, por sua vez, de presa e alimento a outro, e assim a vontade de vida não cessa de se devorar a si mesma”.

Quando estamos presos à vontade estamos diante de um sofrimento, isso porque lutamos para satisfazer esta vontade e quando a satisfazemos, o sofrimento não cessa porque a satisfação de um desejo não impede o surgimento de outros tantos desejos. Assim, o desejo

realizado dá lugar ao vazio, ao tédio, à decepção, à angústia e não impede o surgimento de outros novos desejos. Para Schopenhauer, o prazer de realização de uma vontade seria um breve momento de ausência de dor, tendo em vista que não existe satisfação duradoura.

Estes são os motivos pelos quais Schopenhauer diz que “viver é sofrer”, pois entende que o homem vive preso às garras da vontade, oscilando seu viver entre dor e tédio. Essa vontade, raiz metafísica do mundo e da conduta humana, não possui nada de racional, é um “ímpeto cego”, um querer inconsciente que simplesmente é: a “vontade de vida”.

3.2 A arte no contexto da metafísica da vontade

A configuração da vontade em representação ocorre num processo chamado “objetivação da vontade”, momento em que a vontade torna-se objeto. Neste percurso de objetivação da vontade, encontra-se a ideia que deve ser entendida como a objetividade imediata da vontade. A ideia é o que está mais próximo da vontade e contribui para a configuração desta em representação, ou seja, a ideia é a própria vontade tornada objeto sem, contudo, configurar-se em representação.

Nas palavras de Schopenhauer (2000, p. 26) “ideia é para nós somente a objetividade imediata, e por isso adequada, da coisa-em-si, que, porém ela própria é a vontade, a vontade não objetivada, ainda não tornada representação”.

A arte é um conhecimento que se apresenta no núcleo do conteúdo fenomênico e se constitui na objetividade imediata e adequada da vontade (na ideia).

Embora a arte tenha a mesma finalidade da ciência, ou seja, explicar o mundo que se apresenta diante do sujeito, entende-se que a ciência se distingue da arte porque é um tipo de conhecimento que obedece aos princípios da razão, enquanto que a arte habita justamente no plano das ideias.

O nome de ciência obedece, portanto ao princípio de razão em suas diversas configurações, e seu tema permanece o fenômeno, suas leis, sua conexão e as relações assim originadas. Mas que espécie de conhecimento examinará o que existe exterior e independente de toda relação, único propriamente essencial do mundo, o verdadeiro conteúdo de seus fenômenos, submetido à mudança alguma e por isto conhecido com igual verdade a qualquer momento, em uma palavra, as ideias, que constituem a objetividade imediata e adequada da coisa-em-si, da vontade? É a arte, a obra do gênio (SCHOPENHAUER, 2000, p. 35).

E continua,

A grande diferença entre ciência e arte reside na maneira como elas consideram o mundo e trabalham seu estofo. Tal oposição pode ser indicada com uma única palavra: a ciência considera os fenômenos do mundo seguindo o fio condutor do princípio de razão, ao passo que a arte coloca totalmente de lado o princípio da razão, independente dele, para que, assim a ideia entre em cena (*Ibidem*, 2003, p.41).

Estas considerações são importantes e necessárias para se compreender que, no contexto da metafísica da vontade, é a ideia que possibilita a configuração da arte, que por meio da contemplação,⁹ descortina-se o conhecimento puro, distante do alcance da razão, independente do querer e da própria vontade presente no sujeito. Nestas condições, a arte passa a ser contentamento puro e possibilita perceber o sublime, atingir um estado de contemplação que consegue libertar o homem das garras da vontade. Aliás, a arte tem o poder de soltura das garras dessa vontade, o que proporciona, segundo Schopenhauer, a libertação do conhecimento devido à escravidão dos desejos. É neste instante, que o espírito humano flui livre, desinteressadamente e o homem atinge o grau de pura contemplação, livre dos princípios da razão e de toda individualidade. É uma transformação, o arrebatamento, o sublime.

Schopenhauer considera como Arte, as “artes plásticas”, a “poesia” e a “música”. As artes plásticas referem-se em linha hierárquica ascendente, à arquitetura, à jardinagem, à pintura paisagística, à escultura de animais, e se supera com a pintura e escultura humana. A poesia está em um nível acima das artes plásticas, porque é capaz de narrar as ações do homem e, assim, Schopenhauer elege a Tragédia como o melhor exemplo de arte poética. Para a música, o filósofo dedica uma análise especial, por acreditar ser uma arte carregada de peculiaridades que lhe confere um nível de superioridade em relação às demais artes.

3.3 A supremacia da música

As artes plásticas e a poesia são artes que, na concepção de Schopenhauer, necessitam da ideia para concretizarem a configuração da vontade em representação. São artes que se objetivam e se estruturam apenas por mediação das ideias.

⁹ De acordo com Schopenhauer (2000, p. 46) a contemplação possui “dois elementos inseparáveis: o conhecimento do objeto, não como individual, mas como ideia platônica, i. e., forma permanente deste conjunto de coisas; e a consciência de si do sujeito cognoscente, não como indivíduo, mas como sujeito puro, independente da vontade, do conhecimento”.

Se nos dirigirmos agora com nossas considerações sobre a arte em geral, das artes plásticas à poesia, não duvidaremos de que também ela é dotada da intenção de revelar as ideias, os graus da objetivação da vontade, comunicando-as aos ouvintes com clareza e vivacidade com que são apreendidas pela sensibilidade poéticas (SCHOPENHAUER, 2000, p. 90).

Já, a música é considerada a mais nobre e soberana arte. Merece uma atenção especial, justamente porque é um tipo de arte que independe da ideia para sua configuração. A música tem o poder de objetivação imediata da vontade, sem a intermediação da ideia. Thomas Mann (1960, p.161) esclarece que na concepção de Schopenhauer,

a música que vai além das ideias, é completamente independente do mundo fenomênico; ignora-o absolutamente e poderia de certo modo continuar a existir, mesmo quando o universo não existisse mais: não se pode dizer o mesmo das outras artes. A música, com efeito, é uma objetivação, uma cópia tão imediata de toda a vontade como o é o mundo, como o são as próprias ideias, cujo fenômeno múltiplo constitui o mundo dos objetos individuais. Não é, pois, como as outras artes, uma reprodução da ideias, mas uma reprodução da própria vontade, da qual as Ideias são também objetivação.

A música age no sujeito de uma maneira intensa, rápida, infalível e possui uma linguagem de aspecto universal que excede os limites da individualidade e atinge o âmago do ser. Por este motivo, Schopenhauer acredita que as demais artes referem-se às sombras, às cópias das ideias; enquanto a música refere-se ao protótipo, à essência que é a própria vontade:

De modo algum a música é, como as outras artes, reprodução das ideias, mas reprodução da própria vontade, cuja objetividade também são as ideias; por isso o efeito da música é tão mais poderoso e incisivo do que o das outras artes; pois somente essas se referem à sombra, aquela porém à essência (SCHOPENHAUER, 2000, p.105).

Percebe-se que, no sistema filosófico de Schopenhauer, a arte tem uma finalidade suprema de tornar as ideias conhecidas, por este motivo, as artes plásticas e poéticas possuem certa relação com o mundo sensível. No entanto, a música apresenta uma singularidade que a difere das demais artes. Isso, porque a música vai além do mundo aparente, o que lhe confere certa independência em face dos fenômenos que compõem o mundo aparente. A música apresenta “um significado muito mais sério e profundo, relacionado com a essência mais íntima do mundo e de nós mesmos” (SCHOPENHAUER, 2000, p.103). Desta forma, a existência da música seria possível mesmo se o mundo não existisse, justamente “porque a música é uma reprodução e uma objetivação tão imediata de toda vontade” (*Ibid.*, p.105) que se pode até considerá-la como sendo a própria vontade.

Falar sobre a música em tal tom, não é algo simples, pois, trata-se de um tema profundo e que, como já dito, alcança a essência mais íntima do mundo, no entanto, isso não

impediu Schopenhauer de elaborar a sua reflexão “metafísica da música”. Neste contexto, o filósofo sugere, para melhor elucidar o tema música, que se estabeleça não uma relação de semelhança, mas um paralelismo entre a música e a ideia. Isso porque, tanto a ideia quanto a música, correspondem ao processo de objetivação de uma mesma vontade.

A explanação metafísica dada à música por Schopenhauer (2000, p. 104) é de “impossível demonstração; pois supõe uma relação da música, como uma representação de um modelo, ele próprio jamais passível de representação”.

Por este motivo, o filósofo sugere:

Para apreciar devidamente a apresentação a ser dada aqui sobre o significado da música, considero necessária a audição frequente desta mesma música, com o espírito munido de reflexão persistente, para o que por sua vez é indispensável uma familiaridade razoável com o conjunto de pensamento por mim apresentado (*Ibid.*, p.104).

Ele acredita que tanto a ideia quanto a música se apresentam como níveis da objetivação da vontade, ambas correspondem à objetivação imediata da vontade. Ou seja, a vontade se objetiva ora na ideia, ora na música. Isso possibilita estabelecer um paralelismo entre música e ideia, o que pode melhor elucidar o entendimento sobre a “maravilhosa arte dos sons”.

Schopenhauer reconhece nos tons mais graves da harmonia, uma correspondência à natureza inorgânica, à massa bruta do planeta. Vale ressaltar que a massa bruta não é dotada de movimentos, de brilho e velocidade, servindo apenas de cama onde tudo se repousa, origina-se e se desenvolve. Isso justifica o motivo pelo qual, na música, o baixo não é dotado de agilidade, não realiza trinados e nem se movimenta em intervalos curtos como o intervalo de segunda.

Os tons intermediários representam os corpos ainda inorgânicos, mas que já se expressam de alguma forma, tais como o mundo vegetal e animal. Mundo este em que ainda não há uma consciência de conexão com a vida. Isso justifica o fato de que na voz intermediária da música, falta ainda um desenvolvimento conexo - como ocorre na voz mais alta - por isso, a ocorrência de dissonâncias impuras.

Já os tons agudos, ou seja, voz aguda, que canta a melodia, a voz principal, se assemelha à vida e às realizações providas da reflexão do homem que

dotado de razão, lança continuamente seu olhar para frente e para trás, sob a via de sua realidade efetiva e das inúmeras possibilidades, percorrendo uma existência com reflexão e por isto interligada como um todo; deste modo, unicamente a melodia

possui conexão significativa, intencional, do começo ao fim (Schopenhauer, 2000, p.106).

Por isso, a melodia canta, demonstra uma continuidade do começo ao fim, percorre por muitos caminhos, explora intervalos e tonalidades diferentes e estranhas. Tudo isso expressa o que a vontade deseja: sofrimento, tédio, ansiedade, alegria, tristeza, felicidade, saudades, dor e langor. No entanto, esta melodia sempre repousa sobre seu tom fundamental, na qual está enraizada.

Da mesma maneira com que tudo advém da massa bruta do planeta e a esta se vincula, na música todos os tons devem estar harmonicamente vinculados ao baixo, à voz grave, que dá sustentação e serve de base para desenrolar a linha melódica.

Além destas considerações, Schopenhauer (2003, p. 233) declara:

...assim como a transição rápida do desejo para satisfação e desta para um novo desejo constitui a felicidade e o bem estar, também as melodias rápidas, sem grandes desvios, são alegres; já as melodias lentas, entremeadas por dissonâncias dolorosas, retornando ao tom fundamental, muitos compassos além, são tristes e análogas à satisfação demorada, difícil.

Com isso, compara a música de dança, de frases curtas e fáceis, como sendo expressão da felicidade comum; o movimento *allegro maestoso*, de frases longas e de longos desvios do tom fundamental, como sendo um desejo mais nobre; o *adágio* relata o sofrimento que despreza a mesquinharia, um sofrimento mais nobre; as nuances entre as tonalidades menores e maiores parecem representar as passagens das angústias (modo menor) e para sua libertação (modo maior); a quantidade inesgotável de melodias possíveis faz correspondência com a imensa variedade de indivíduos e de modos de vida existentes no mundo; a modulação de uma tonalidade para outra tonalidade distinta põe fim à tonalidade anterior, assemelhando-se à morte, que aniquila o indivíduo sem eliminar a vontade que permanece e se manifesta em outros indivíduos, mesmo que estes novos indivíduos não tenham nenhuma ligação com o anterior.

Apesar de todas estas semelhanças, Schopenhauer afirma a ausência de conexões diretas, pois, a música não manifesta o fenômeno e sim sua essência. Desta maneira, entende-se que a música não exprime os sentimentos individuais (alegria, tristeza, felicidade, saudade etc.), porque não tem ligação com os motivos de tais sentimentos, mas exprime a essência contida nestes. Aliás, Schopenhauer (2003, p. 235) alega que “o mundo fenomênico, ou a natureza, e a música devem ser vistos como duas expressões distintas da mesma coisa” - a

vontade. A música é percebida com exclusão do princípio da espacialidade e do conhecimento da causalidade, os tons criam uma impressão estética incondicionada à sua causa.

“A música, portanto, expressa a essência verdadeira de todas as possíveis aspirações e disposições humanas, há, por assim dizer, alma interior delas” (*Ibid.*, p. 234). Sendo assim, também

compreendemos, pois, que segundo a doutrina de Schopenhauer, a música nos dá imediatamente a linguagem da Vontade, e sentimos a nossa imaginação incitada a dar uma forma a este mundo de espíritos cujas vozes nos falam, a esse mundo invisível e, no entanto, tão tumultuosamente agitado, e a encarná-lo num símbolo análogo. Por outro lado, a imagem e a ideia, sob a influência eficiente de uma música verdadeiramente adequada, adquirem uma significação superior (NIETZSCHE, 2008, p.102).

4. Possíveis contribuições para o ensino musical brasileiro

Uma breve análise na atual conjuntura da educação brasileira evidencia que escola vem sofrendo descrédito generalizado. Aliado a essa debilidade, tem-se a violência, a má qualidade do ensino, a perda de valores, a banalização da vida social nas quais se imperam os princípios do consumismo, do individualismo e da própria evolução tecnológica desenfreada que deixa o ser humano num segundo plano. Não são raros os casos de indisciplinas, desrespeitos, agressões físicas, destruição do patrimônio material público e uso de drogas no meio escolar. É neste contexto que os educadores lutam pela qualidade do ensino, na busca da formação do almejado homem integral. Neste contexto, toda reflexão sobre a educação, o ensino, a formação, as metodologias, enfim, todas são bem vindas e podem contribuir para a construção de um sistema educacional de qualidade.

Herbert Read (1986, p. 21) ao mencionar a educação, declara que:

Há um certo modo de vida que consideramos bom, e a atividade criativa a que chamamos arte é essencial nele. A educação nada mais é que uma iniciação a esse modo de vida, e acreditamos que essa educação é mais bem-sucedida através da prática artística que de qualquer outra forma.

Este entendimento permite compreender a importância da arte na formação humana.

Platão, através de Sócrates em *A República*, declara que a música é de suma importância para a formação do homem, assim:

a educação musical é a parte principal da educação, porque o ritmo e a harmonia tem o poder de penetrar na alma e tocá-la fortemente, levando com ele a graça e cortejando-a, quando se foi bem-educado. E também porque o jovem a quem é dada como convém sente muito vivamente a imperfeição e a feiúra nas obras de arte ou na natureza e experimenta justamente desagrado. Louva as coisas belas, recebe-as alegremente no espírito, para fazer delas o seu alimento, e torna-se assim nobre e bom; ao contrário, censura justamente as coisas feias, odeia-as logo na infância, antes de estar de posse da razão, e, quando adquire esta, acolhe-a com ternura e reconhece-a como um parente, tanto melhor quanto mais tiver sido preparado para isso pela educação (Platão, 1999, p. 95).

Estas breves considerações são importantes para sustentar e apoiar o seguinte posicionamento sobre a Educação no Brasil. No dia 19 de Agosto de 2008, foi publicada no Diário Oficial da União (DOU), a Lei 11.769/08 que acrescentou o parágrafo 6º na Lei 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação), para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica brasileira, o artigo 26 desta Lei passou a vigorar com o seguinte teor:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela.

§2º O ensino da arte, especialmente em suas expressões regionais, constituirá componente curricular obrigatório nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos.

§ 6º A música deverá ser conteúdo obrigatório, mas não exclusivo, do componente curricular de que trata o § 2º deste artigo.

A interpretação literal do texto acima possibilita o entendimento de que a música, ainda não será uma nova disciplina nas grades curriculares das escolas. Contudo, integrada aos planos de ensino nas redes escolares do Brasil, passa a representar um grande avanço. Como se sabe a música tem o poder de estimular a concentração, acalmar os ânimos, articular as percepções e promover múltiplas inteligências (linguística, raciocínio lógico, conhecimento do corpo, musicalidade, comunicação), fatores determinantes no processo de favorecimento do bom convívio social e do autoconhecimento.

Muitos problemas emergirão neste novo universo que se apresenta em nosso sistema educacional, tais como a desqualificação docente, a variada gama de conteúdos musicais (que música se pretende ensinar?), a falta de estrutura institucional para operacionalizar o ensino musical (instrumentos musicais, auditórios, quadros com pauta e outros). No entanto, um viés

poderá nos ajudar. Acreditamos que o sistema filosófico apresentado por Schopenhauer, possibilita observações sobre aspectos de grande relevância e importância e que, possivelmente poderá contribuir para as reflexões sobre a educação musical de qualidade. O filósofo elaborou uma análise metafísica da música e a exaltou como sendo a mais soberana arte. Uma arte capaz de oferecer a percepção da essência do mundo, das coisas e do homem que nele habitam. Arte que favorece a mais pura contemplação, que arrebatava o homem, eleva-o ao sublime e possibilita ao mesmo, o alívio das dores do mundo (mesmo que por breves momentos) e a superação das vontades que nos trazem o sofrimento.

As considerações tecidas por Schopenhauer auxiliam no processo de construção da completude humana e, contribui para melhor compreender o que se espera do ensino musical nas escolas de educação básica brasileira, já que, entender a música como forma de comunicação e expressão; desenvolver a apreciação musical e sua linguagem própria; compreender a música como produto cultural e histórico, são algumas das determinações dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), que em outras palavras acredita que

aprender a sentir, expressar e pensar a realidade sonora ao redor do ser humano, que constantemente se modifica, nesta rede em que se encontra, auxilia o jovem e o adulto em fase de escolarização básica a desenvolver capacidades, habilidades e competências em música. Construindo sua competência artística nesta linguagem, sabendo comunicar-se e expressar-se musicalmente, o aluno poderá, ao conectar o imaginário e a fantasia aos processos de criação, interpretação e fruição, desenvolver o poético, a dimensão sensível que a música traz ao ser humano (PCN, 2008, p.80).

Neste mesmo contexto, Schopenhauer vê a música como uma arte detentora da mais rica e significativa linguagem, já que possui o poder de expressar a essência interna, o em-si do mundo. Uma linguagem cuja finalidade é comunicar sentimentos. Neste sentido, uma educação musical de qualidade exerce um papel de grande importância para a vida do homem, porque a comunicação de sentimentos promove o enriquecimento de nossa compreensão sobre nós mesmos e sobre o mundo; proporciona interação social, solidez cultural, prazer estético, contemplação e liberdade.

Considerações finais

Embora Schopenhauer seja considerado filósofo pessimista devido a sua maneira de conceber o mundo, seu sistema filosófico muito contribui para o melhor entendimento e

compreensão da arte. Uma filosofia da arte que atinge o seu clímax principalmente com a arte musical.

O filósofo entende que o viver humano é um constante sofrimento, acredita que nenhum outro animal tem a capacidade de sofrimento como o ser humano, pois o homem age permanentemente em prol de saciar a “vontade” que é infinita. Infinita porque, a cada vontade satisfeita, surgem várias outras vontades a se contentar, e assim, há o desencadeamento de uma permanente luta em prol de satisfazer a senhora “vontade”. E, ainda, a vontade satisfeita logo se torna tédio.

Por outro lado, o filósofo acredita que há um momento de suspensão deste sofrimento, momento este em que o homem se liberta da vontade. E este momento de libertação se dá no estado de pura contemplação, sendo a arte o meio para que isso aconteça. A música é a soberana das artes, porque manifesta a essência das coisas sem a intervenção da ideia, o que lhe confere especialidade e importância na formação do homem.

Toda luta para satisfazer a vontade impede o homem de contemplar a beleza da vida, daí o sofrimento nesta longa batalha da existência. A única maneira de o homem se livrar do sofrimento é livrar-se da “vontade de vida”.

Quando o homem liberta-se dessa vontade, torna-se livre para contemplação e atinge o sublime. Schopenhauer elege a arte como meio de se atingir o sublime e concebe a música a suprema soberania. Neste contexto, ele alia a música à filosofia por acreditar que esta expressa, em uma linguagem grandiosa, a essência interior do mundo - a vontade - por meio dos tons, enquanto que a filosofia expressa e repete a essência deste mundo por meio de conceitos gerais, já que são estes que favorecem o pensamento.

Gottfried Wilhelm von Leibniz (1646-1716), declara que a música é um exercício oculto de aritmética sem saber que o espírito saiba que está lidando com números. Schopenhauer (2000, p.112) ao parodiar Leibniz, afirma que a “música é um exercício oculto de metafísica, sem saber que o espírito está filosofando”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BONA, Paschoal. *Método Musical*. São Paulo: Augusto, 2002.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Arte*. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. *Dicionário Básico de Filosofia*. 4 ed. atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- MANN, Thomas. *O pensamento vivo de Schopenhauer*. Trad. Pedro F. Amaral. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1960.
- NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. *A origem da tragédia*. Trad. Joaquim José de Faria. São Paulo: Centauro, 2004.
- PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. *História da filosofia: o Problema da História da Filosofia do Prof. Arthur Versiani Velloso*. 9. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1972.
- PAHLEN, Kurt. *História universal da música*. 4 ed., Trad. A. Della Nina. São Paulo: Melhoramentos, 1963.
- PLATÃO. *A República*. 2.ed. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)
- READ, Herbert. *A redenção do robô: meu encontro com a educação através da arte*. Trad. Fernando Nuno. São Paulo: Summus, 1986.
- REDYSON, Deyve. *Dossiê Schopenhauer*. São Paulo: Universo dos Livros, 2009.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do Belo*. Trad. Jair Barbosa. São Paulo: Editora UNESP, 2003.
- _____. *O mundo como vontade e representação: parte III*. Trad. Wolfgang Leo Maar, Maria Lúcia Mello e Oliveira Cacciola. São Paulo: Nova Cultural, 2000 (Coleção Os Pensadores).